



Ela pode, Ela Vai: A atuação urbana de um coletivo feminista em Curitiba — PR

Approximations between the urban action of feminist collectives in Chile and Brazil

Julio Teodoro da Costa

<http://lattes.cnpq.br/8523586174701551>
<https://orcid.org/0000-0003-3091-2644>
julio.teodoro.21@gmail.com

Doutorando pelo Programa de pós graduação em Design, linha de concentração Teoria e História do Design, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, linha de concentração em mediações e Culturas, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), e formado em Tecnologia em Design gráfico pela UTFPR. Membro do grupo de pesquisa Design e Cultura, e do Grupo de Pesquisa em Teoria, História e crítica do design e atividades projetuais. É membro da Trupe Guará, onde realiza performances coletivas em perna de pau nos blocos e cortejos de carnaval.

Resumo: Neste artigo buscamos explicitar a atuação de um coletivo curitibano, a Bloca Ela pode, Ela vai. Para tanto, iniciamos uma breve discussão sobre novas maneiras de ocupação urbana para os protestos, seguindo de uma breve apresentação sobre a Bloca Ela Pode Ela Vai para, por fim, concluir considerando sua atuação na ocupação dos espaços urbanos da cidade de Curitiba.

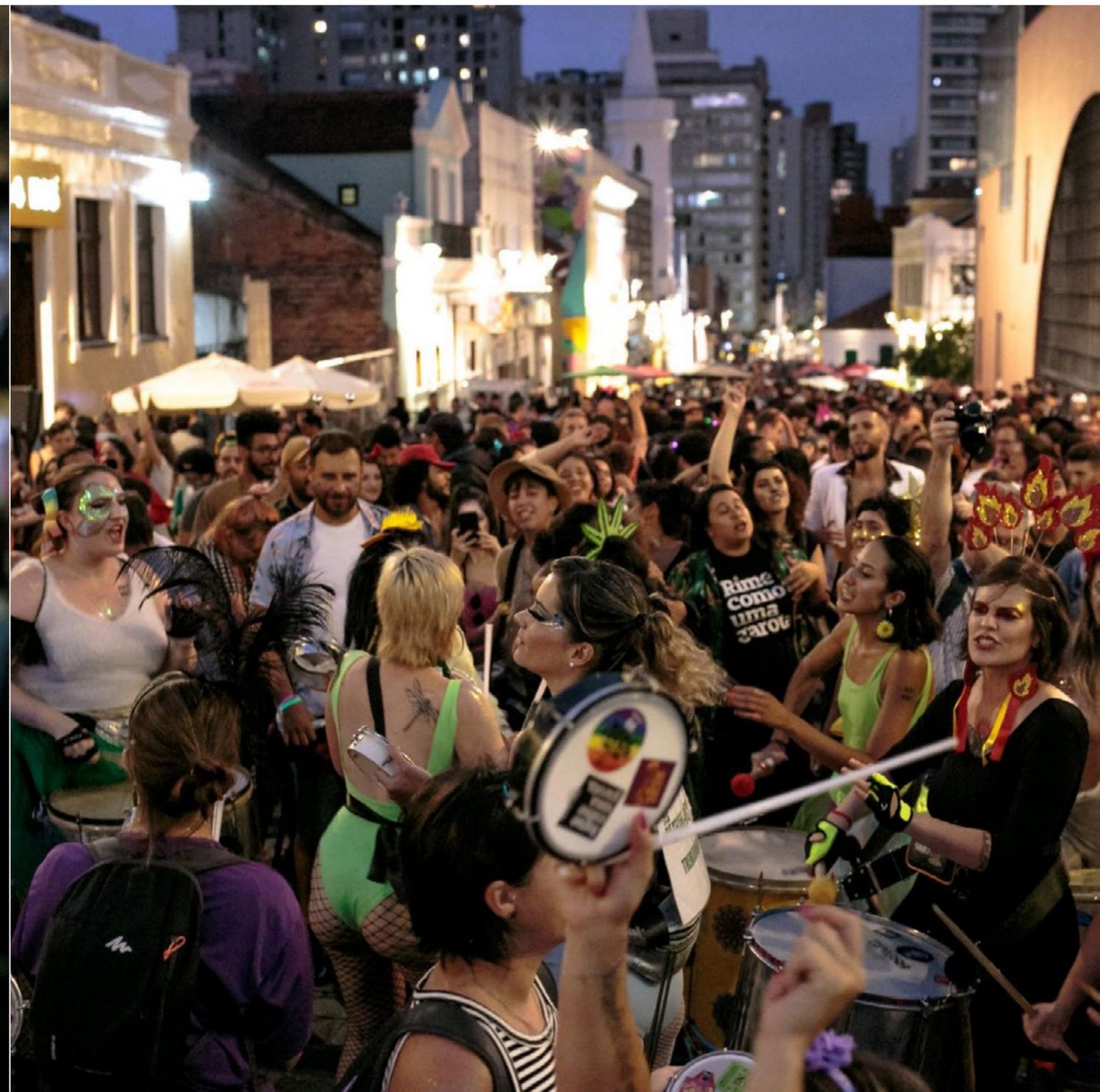
Palavras-chave: Protestos, feminismo, performance, espaço urbano.

Abstract: In this article, we focus on the performance of a collective from Curitiba, the Bloca Ela pode, Ela vai. For that, we started a brief discussion about new ways of urban occupation for the protests, followed by a brief presentation about the Bloca Ela Pode Ela Vai to, finally, conclude considering its performance in the occupation of urban spaces in the city of Curitiba.

Keywords: Protests, feminism, performance, urban space









As maneiras como protestos são entendidos e praticados podem ser considerados histórica e territorialmente situados. Na perspectiva considerada por Claudia Giacoman e Rodrigo Torres (2021), a apropriação dos espaços públicos pode ser reinventada durante o ato de protestar, dependendo se as ações forem diferentes e inovadoras com relação a repertórios mais tradicionais e institucionalizados (GIACOMAN, TORRES 2021). A utilização de algumas linguagens artísticas como a música, a dança, o teatro, a performance e a instalação, por exemplo, podem gerar maneiras de ocupar o espaço urbano que tensionam tais repertórios tradicionais, proporcionando novas maneiras de expressar as lutas e disputas de determinada sociedade em certo período histórico.

Marla Freire (2020), refletindo sobre a atuação de grupos feministas durante o Estalido Social ocorrido no Chile a partir de 2019, propõe a necessidade de acuerpamento das ruas como uma ação de grupo e coletivos, onde o corpo nestes espaços possui uma implicação política. A partir de uma chave feminista para a leitura da atuação de certos coletivos, é possível considerar que estes momentos permitem a “denúncia de vulnerabilidades sistêmicas” (FREIRE, 2020, p. 160), nos quais são utilizadas uma série de ações performáticas para visibilizá-las. Implicando na “amplificação do uso do espaço público, ao mesmo tempo que transcendem as normativas de ocupação e usos com fins políticos, desestruturando lógicas de normatividade e poder¹” (FREIRE, 2020, p. 161).

Uma das maneiras de entender tal amplificação é conhecendo a atuação da Bloca Ela Pode Ela Vai². A Bloca é um coletivo de mulheres que se organiza para ocupar o espaço urbano, principalmente o centro da cidade de Curitiba. O próprio nome já faz uma marcação importante: A Bloca é no feminino. Tal marcação dialoga com algumas regras da gramática, onde o gênero masculino é considerado universal. Consideram que a língua também é uma das formas de expressão do patriarcado, assim a denominação no feminino marca um tensionamento destas normas pela visibilidade da atuação política e cultural destas mulheres.

Tocam ritmos dançantes, dispendo dos graves dos surdos, do repique das caixas, dos estridentes tamborins e ritmados Agbes. Utilizam de suas vozes, levemente distorcidas pelo efeito metalizado produzido pelos megafones, para cantar, entre marchinhas de carnaval e músicas da cultura popular, paródias e versões próprias de letras que questionam significados tradicionais, provocando reflexões sobre o lugar da mulher na sociedade, de sua atuação e agência, bem como ao seu direito ao gozo e ao prazer. Com estas características em mente, entendemos que a atuação do coletivo Ela Pode Ela Vai se adequa dentro do que Giacoman e Torres (2021) compreendem como novas formas de protesto e atuação política nas ruas.

1. Tradução livre do original: “amplificación del uso del espacio público, al mismo tiempo que trascienden las normativas de ocupación y uso con fines políticos, desestructurando las lógicas de normatividad y poder” (FREIRE, 2020, p. 161). O autor, 2022.

2. Mais informações sobre a Bloca Ela Pode Ela Vai podem ser encontradas em suas redes sociais, disponíveis em: <https://www.instagram.com/elapodeelavai/>, <https://www.facebook.com/elapodeelavai/>

O acorpamento promovido pelas participantes se dá utilizando roupas coloridas, maquiagens, fantasias, principalmente com tiaras e outros adereços, ou com o busto nu, e frases escritas com tinta em seus seios e costas. Os conhecimentos técnicos de música também são manifestos através da sincronia de seus corpos, do condicionamento para tocar por horas ininterruptas, e das maneiras de tocar que cada instrumento exige para o bom desempenho da ação. Em suas canções e atuação explicitam que o corpo desnudo não é um convite nem uma permissão para o acesso masculino.

Atuando primeiramente nas saídas de carnaval, a Bloca também participa de protestos, passeatas e marchas. Para além de mobilizar apenas as pautas de cada protesto, sua presença também pode nos fazer questionar e refletir sobre pautas ligadas a discussões do feminismo, como, por exemplo, o protagonismo de mulheres nas lutas, os desafios e inseguranças que sofrem devido a opressões estruturais, a agência de mulheres no espaço urbano.

Explicitamos que a atuação da Bloca Ela Pode Ela Vai possui forte carga performática no espaço urbano, permitindo experiências que formas de protesto mais tradicionais transmitiriam de outra maneira, com outros efeitos. O corpo das participantes possui importância fundamental nas atuações e são utilizados de maneira expressiva para transmitir mensagens relacionadas à atuação feminina, a ocupação do espaço urbano e a denúncia de opressões estruturais ligadas ao sexo e ao gênero.

A partir de Freire (2020), podemos considerar que as atuações performáticas conduzidas evidenciam, à sua maneira, que estruturas de poder podem ser explicitadas a partir de ações nas cidades. A autora evidencia que tais ações não passam apenas por um nível discursivo, mas envolvem a prática e a ocupação dos espaços urbanos, contribuindo para o reconhecimento de níveis mais complexos da cidadania, justamente pelo posicionamento político dos sujeitos nestes ambientes.

Referências

GIACOMAN, Claudia; TORRES, Rodrigo. Dance to resist: emotions and protest in Lindy Hop dancers during October 2019 Chilean rallies. *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies / Revue canadienne des études latino-américaines et caraïbes*. 2021.

FREIRE, Marla. Creativity, Thought and Feminist Artivism in Chile: Now is when!. *Revista Internacional de Cultura Visual*, vol. 7, n. 2, pp. 159–172, Madrid, España. 2020. Disponível em: <https://journals.eagora.org/reWISUAL/article/view/2480>. Acesso em 30/03/2023